

NOVEMBRO



**PREFEITURA
DE GOIÂNIA**
Educação

SEDUC
Secretaria de Estado
da Educação



**Alfa Mais
Goiás**
Programa em Regime de Colaboração
pela Criança Alfabetizada

FICHAS DE LEITURA

Acompanhamento Mensal da Leitura

1º ao 6º ano



ACOMPANHAMENTO MENSAL DA LEITURA



Orientações

► Preenchimento da *Ficha de Acompanhamento Mensal da Leitura*

Professor(a), a partir do mês de maio, serão encaminhados dois textos com tipologias diferentes para que você possa variar as possibilidades de leitura.

▪ A escuta deve ser feita individualmente, considerando o cronograma indicado no documento

Acompanhamento Mensal da Leitura e os estágios definidos no instrumento de registro:

1. Não leu, ou disse letras, ou palavras ausentes no texto.
2. Nomeou letras isoladas/soletrou.
3. Leu palavras de forma silabada.
4. Leu corretamente sem respeitar os elementos prosódicos (ritmo, entonação e pausas) básicos do texto.
5. Leu corretamente respeitando os elementos prosódicos (ritmo, entonação e pausas) básicos do texto.
6. Leu e atribuiu sentido ao texto.

▪ Durante a leitura, observe o desempenho do estudante e marque, no instrumento, o estágio em que ele se encontra.

▪ Valorize as tentativas de leitura dos estudantes que estão nos estágios 1, 2 e 3, tendo em vista que, ainda, não conseguem ler o texto integralmente.

▪ Ao término da leitura, faça perguntas que lhe permitam identificar se houve ou não compreensão. Se o estudante atribuir sentido ao texto, marque, apenas, o estágio 6.

▪ Ao término de cada acompanhamento mensal, preencha o cartaz afixado na porta da sala.



TEXTO I



Ficha de Leitura

O PERU

GLU! GLU! GLU!

ABRAM ALAS PRO PERU!

O PERU FOI A PASSEIO

PENSANDO QUE ERA PAVÃO

TICO-TICO RIU-SE TANTO

QUE MORREU DE CONGESTÃO.

O PERU DANÇA DE RODA

NUMA RODA DE CARVÃO

QUANDO ACABA FICA TONTO

DE QUASE CAIR NO CHÃO.

O PERU SE VIU UM DIA

NAS ÁGUAS DO RIBEIRÃO

FOI-SE OLHANDO FOI DIZENDO

QUE BELEZA DE PAVÃO!

GLU! GLU! GLU!

ABRAM ALAS PRO PERU!

VINICIUS DE MORAES/TOQUINHO

Disponível em: <https://www.viniciusdemoraes.com.br/br/ poesia/texto/237/o-peru>. Acesso em 30.10.2025

GLOSSÁRIO

CONGESTÃO – ACÚMULO EXCESSIVO DE SUBSTÂNCIAS (LÍQUIDO, GÁS, PLASMA) OU SANGUE EM UMA PARTE DO CORPO



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Depois que a dança acabou, como o peru ficou?
2. Que bicho o peru pensou que era quando se olhou no ribeirão?
3. Qual amigo do peru riu tanto que "morreu de congestão"?

TEXTO II



Ficha de Leitura

O CARACOL

O CARACOL VIU UMA JOANINHA.
A JOANINHA PASSOU VOANDO.
O CARACOL FALOU:
— AH!... EU NÃO POSSO VOAR.
O CARACOL VIU UM GRILO.
O GRILO PASSOU PULANDO.
O CARACOL FALOU:
— AH!...EU NÃO POSSO PULAR.
O CARACOL VIU UMA CIGARRA.
A CIGARRA PASSOU CANTANDO.
O CARACOL FALOU:
— AH!... EU NÃO POSSO CANTAR.
MAS...VEJAM SÓ! — FALOU O CARACOL.
— EU TENHO CASA PARA MORAR!

MARY FRANÇA E ELIARDO FRANÇA, EDITORA ÁTICA, 1998.



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. O que a joaninha e o grilo faziam que o caracol queria fazer?
2. Por que o caracol ficou feliz no final da história?

TEXTO I



Ficha de Leitura

O Gato

Com um lindo salto
Lesto e seguro
O gato passa
Do chão ao muro
Logo mudando
De opinião
Passa de novo
Do muro ao chão
E pega corre
Bem de mansinho
Atrás de um pobre
De um passarinho
Súbito, para
Como assombrado
Depois dispara
Pula de lado
E quando tudo
Se lhe fatiga
Toma o seu banho
Passando a língua
Pela barriga.

Vinícius de Moraes/Toquinho

Glossário

Lesto – que se move com desembaraço, ligeireza; agilidade, velocidade; apressado.

Súbito – que surge ou chega de repente, inesperado.

Fatiga – cansaço que resulta de um esforço físico ou mental.



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. No poema, o gato corre atrás de quem?
2. Como o gato faz para tomar seu banho?

TEXTO II



Ficha de Leitura

O Macaco Medroso

Peteleco pensa: assim não dá.
Peteleco resolve mudar de jeito.
Ele respira fundo.
Ele conta até três.
Peteleco cria coragem.
Ele vai visitar os passarinhos.
E fica amigo deles.
Peteleco cria coragem.
Ele vai para a mata.
E acha a mata bonita.
Peteleco cria coragem.
Ele tenta subir nas árvores.
Peteleco leva uns tombos.
Mas ele aprende.
Aprende a subir nas árvores.
Aprende a balançar nos cipós.
Peteleco vai perdendo o medo.
E ganha muitos amigos.

Sônia Junqueira. O macaco medroso. São Paulo, 1996.



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Qual foi o primeiro desafio que Peteleco enfrentou para perder o medo? O que ele precisou fazer para conseguir?
2. No final da história, a coragem de Peteleco mudou a vida dele. Quais foram as duas coisas boas que ele conseguiu, depois que perdeu o medo?

TEXTO I



Ficha de Leitura

Diário do Biloca

15 de fevereiro

Ganhei este diário hoje. Mentirinha. Eu ganhei no ano passado, no dia da troca do amigo secreto. Fiquei superfeliz de ter sido amiga da Dri. Além do diário ganhei uma pulseira lindíssima. Adorei o diário...mas só estou começando a escrever hoje porque vieram as férias...o início das aulas...Na verdade, não tinha começado ainda por pura preguiça – gostar de escrever eu até gosto. E prometo, de pés juntos e dedos cruzados, que a partir de hoje não falho um dia sequer...Só se...

Espero realmente que aconteçam boas coisas para contar. Se for como ano passado, cruz credo. Nem gosto de lembrar, mas não consigo controlar a portinha da lembrança, acabo pensando tudo outra vez. A pior de todas foi mesmo a recuperação que ganhei em Português. Por pouco, muito pouco, não termino o ano com uma preciosa bomba que certamente iria explodir na minha casa. Ufa, ainda bem que passou, e o que passou. Como diz minha vó: “águas passadas não movem moinhos”. Se movem ou não movem não quero saber, este ano não vou marcar bobeira. Recuperação nunquinha, nunquinha. Vou tirar tudo de letra. Bem... chega de falar de coisa chata. Acho que para começar um diário é preciso coisas alegres, senão dá azar.

Biloca

Garcia, Edson Gabriel, 1949- Diário de Biloca / Edson Gabriel Garcia; ilustrações Sônia Magalhães. — São Paulo : Atual, 2003.
Disponível em <https://www.coletivoleitor.com.br/uploads/demos/diario-de-biloca.pdf>. Acesso em 23/10/2025.



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Quando a narradora ganhou o diário e de quem?
2. Ela demorou para começar a escrever. Cite os motivos mencionados no texto.
3. Você tem um diário? Se sim, o que você costuma escrever nele e com que frequência?

TEXTO II



Ficha de Leitura

Doze coisinhas à toa que nos fazem felizes

Doze coisinhas à toa
Que nos fazem felizes
Doze coisinhas à toa
Que nos fazem felizes
Andar de skate num lugar lisinho
Tomar sorvete de palitinho
Passar a mão de leve no gatinho

Andar na chuva a pé pra se molhar
Passar cola na mão e descascar
Acabar a lição pra ir brincar

Doze coisinhas à toa
Que nos fazem felizes
Doze coisinhas à toa
Que nos fazem felizes
Jogar estalo pra estalar no chão
A cor azul das penas do pavão
Ver na TV seu clube campeão

Ver gelatina tremendo no prato
Nadar de pressa usando o pé de pato
Usar a língua pra tirar retrato

Doze coisinhas à toa
Que nos fazem felizes
Doze coisinhas à toa
Que nos fazem felizes

Ruth Rocha / Hélio Ziskind

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/carrossel-2012/doze-coisinhas-a-toa-que-nos-fazem-felizes/>. Acesso em 29.10.2026

Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Sobre o que fala a canção?
2. Conte duas coisinhas à toa do seu dia que te fazem sorrir e explique por que elas te fazem sorrir.

TEXTO I



Ficha de Leitura

Aquarela do Cerrado

(Pablo Ravi) Pé do Cerrado

Calor do verão chegou
Deixo a tristeza de lado
Flor do ipê já brotou
Aquarela do cerrado

Quando a terra tá seca
Vamo pro rio banhá
Curtir a mãe natureza
E os frutos que ela nos dá

Bata um suco gelado
Do pé de maracujá
Da graviola, acerola
E a viola, tu pode tocar

Manga, mangaba, banana
Caju, castanha, cajá
Se o calor tá danado
Pode ir no rio pulá

Tem tamarindo, ói menino
O ispipim do pequi, jatobá
Araticum, é goiaba
Baru, e a jaca, é já



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Qual o tema apresentado na letra da música “Aquarela do Cerrado”?
2. Como a música descreve a chegada do verão no Cerrado? Quais elementos da natureza ela menciona para ilustrar essa estação?

TEXTO II



Ficha de Leitura

Adivinha, adivinhão

Era uma vez um homem muito sabido, mas infeliz nos negócios. Já estava ficando velho e continuava pobre como Jó. Pensou muito em melhorar sua vida e resolveu sair pelo mundo dizendo-se adivinhão. Dito e feito. Arranjou uma trouxa com a roupa e largou-se. Depois de muito andar chegou ao palácio de um rei e pediu licença para dormir. Quando estava ceando o rei lhe disse que o palácio estava cheio de ladrões astuciosos. Vai o homem e se oferece para descobrir tudo, ficando um mês naquela beleza. O rei aceitou. No outro dia, o homem passou do bom e do melhor e não descobriu coisa alguma. Na hora de cear, quando o criado trazia o café, o adivinho exclamou, referindo-se ao dia que passara:

— Um está visto! O criado ficou branco de medo porque era justamente um dos larápios.

No dia seguinte veio outro criado ao anoitecer e o adivinhão repetiu:

— O segundo está aqui!

O criado, também gatuno, empalideceu e atirou-se de joelhos, confessando tudo e dando o nome do terceiro cúmplice. Foram presos e o rei ficou satisfeito com as habilidades do adivinho.

Dias depois roubaram a coroa do rei e este prometeu uma riqueza a quem adivinhasse o ladrão. O adivinho reuniu todos os criados numa sala e cobriu um galo cada vez que alguém ia meter o braço debaixo da toalha, fazia piruetas e dizia alto:

— Adivinha, adivinhão A mão do ladrão!

Todos acabaram de fazer o serviço e o adivinho mandou que mostrassem a palma da mão. Dois homens estavam com as mãos limpas e os demais sujos de fuligem.

— Prendam estes dois que são os ladrões da coroa!

Os homens foram presos e eram eles mesmos. A coroa foi achada. O adivinho explicou a manobra. O galo estava coberto de tisna de panela, emporcalhando a mão de quem lhe tocasse nas costas. Os dois ladrões não quiseram arriscar a sorte e por isso fingiram apenas que o faziam, ficando com as mãos limpas.

O rei deu muito dinheiro ao adivinhão e este voltou rico para sua terra.

Contado por Benvenuta de Araújo, em Natal, Rio Grande do Norte. Disponível em <https://educacao3.salvador.ba.gov.br/nossa-rede/>.

Glossário

Pobre como Jó – Que não tem o necessário à vida; digno de lástima; que inspira compaixão.

Ceando –comer à ceia (última refeição do dia, geralmente tomada à noite).

Larápio –indivíduo que furta; ladrão.

Gatuno –aquele que furta; ladrão.

Fuligem –substância preta que a fumaça deposita nas paredes e teto das cozinhas e nos canos das chaminés.

Tisna -mancha escura deixada pela fuligem ou fumaça, associada ao processo de queima.



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Por que o homem decidiu sair pelo mundo dizendo que era um adivinhão?
2. O homem realmente tinha dom de adivinhar ou usou a esperteza para resolver as situações? Explique com suas palavras.

TEXTO I



Ficha de Leitura

Da utilidade dos animais

Terceiro dia de aula. A professora é um amor. Na sala, estampas coloridas mostram animais de todos os feitios. É preciso querer bem a eles, diz a professora, com um sorriso que envolve toda a fauna, protegendo-a. Eles têm direito à vida, como nós, e além disso, são muito úteis. Quem não sabe que o cachorro é o maior amigo da gente? Cachorro faz muita falta. Mas não é só ele não. A galinha, o peixe, a vaca... Todos ajudam.

— Aquele cabeludo ali, professora, também ajuda?

— Aquele? É o iaque, um boi da Ásia Central. Aquele serve de montaria e de burro de carga. Do pelo se fazem perucas bacanas. E a carne, dizem que é gostosa.

— Mas se serve de montaria, como é que a gente vai comer ele?

— Bem, primeiro serve para uma coisa, depois para outra. Vamos adiante. Este é o texugo. Se vocês quiserem pintar a parede do quarto, escolham pincel de texugo. Parece que é ótimo.

— Ele faz pincel, professora?

— Quem, o texugo? Não, só fornece o pelo. Para pincel de barba também, que o Arturzinho vai usar quando crescer.

Arturzinho objetou que pretende usar barbeador elétrico. Além do mais, não gostaria de pelar o texugo, uma vez que devemos gostar dele, mas a professora já explicava a utilidade do canguru:

— Bolsas, mala, maletas, tudo isso o couro do canguru dá pra gente. Não falando da carne. Canguru é utilíssimo.

— Vivo, fessora?

[...]

— Vejam agora como a zebra é camarada. Trabalha no circo, e seu couro listrado serve para forro de cadeira, de almofada e para tapete. Também se aproveita a carne, sabem?

— A carne também é listrada? — pergunta que desencadeia riso geral.

— Não riam da Betty, ela é uma garota que quer saber direito as coisas. Querida, eu nunca vi carne de zebra no açougue, mas posso garantir que não é listrada. Se fosse, não deixaria de ser comestível por causa disto. Ah, o

pinguim? Este vocês já conhecem da praia do Leblon, onde costuma aparecer, trazido pela correnteza. Pensam que só serve para brincar? Estão enganados. Vocês devem respeitar o bichinho. O excremento... — não sabem o que é? O cocô do pinguim é um adubo maravilhoso: guano, rico em nitrato. O óleo feito da gordura do pinguim...

— A senhora disse que a gente deve respeitar.

— Claro. Mas o óleo é bom.

[...]

O biguá é engraçado.

— Engraçado, como?

— Apanha peixe pra gente.

— Apanha e entrega, professora?

— Não é bem assim. Você bota um anel no pescoço dele, e o biguá pega o peixe, mas não pode engolir. Então você tira o peixe da goela do biguá.

— Bobo que ele é.

— Não. É útil. Ai de nós se não fossem os animais que nos ajudam de todas as maneiras. Por isso que eu digo: devemos amar os animais, e não maltratá-los de jeito nenhum. Entendeu, Ricardo?

— Entendi, a gente deve amar, respeitar, pelar e comer os animais, e aproveitar bem o pelo, o couro e os ossos.

Drummond, Carlos de. Da utilidade dos animais (texto adaptado). In: Drummond, Carlos de [et al.]; ilustrações Zansky. São Paulo: Ática, 2011. (Crônicas 4, Coleção Para gostar de ler)



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Que argumento a professora utiliza para defender a utilidade dos animais, e como os estudantes o contestam?
2. De que maneira a crônica de Drummond de Andrade convida o leitor a refletir sobre a exploração animal na sociedade?
3. Que relação você estabelece entre a crônica de Drummond e a sua visão atual sobre a alimentação e consumo de produtos de origem animal?

TEXTO II



Ficha de Leitura

O sol e a lua

O Sol pediu a Lua em casamento
Disse que já a amava há muito tempo
Desde a época dos dinossauros
Pterodáctilos, tiranossauros
Quando nem existia a bicicleta, nem o Velotrol
Nem a motocicleta
Mas a Lua achou aquilo tão estranho
Uma bola quente que nem toma banho?
Imagine só
Tenha dó
Pois meu coração não pertence a ninguém
Sou a inspiração de todos os casais
Dos grandes poetas aos mais normais
Sai pra lá, rapaz!

O Sol pediu a Lua em casamento
E a Lua disse: Não sei, não sei, não sei
Me dá um tempo
O Sol pediu a Lua em casamento
E a Lua disse: Não sei, não sei, não sei
Me dá um tempo
E 24 horas depois, o Sol nasceu, a Lua se pôs, e

O Sol pediu a Lua em casamento
E a Lua disse: Não sei, não sei, não sei
Me dá um tempo
E o Sol congelou seu coração
Mas o Astro-Rei, com todos os seus planetas
Cometas, asteroides, Terra, Marte, Vênus, Netunos e Uranos
Foi se apaixonar justo por ela
Que o despreza e o deixa esperar
Acontece que o Sol não se conformou
Foi pedir ao vento para lhe ajudar
Mas o vento nem sequer parou

Pois não tinha tempo para conversar
O Sol, sem saber mais o que fazer
Com tanto amor pra dar, começou a chorar
E a derreter, começou a chover e a molhar
E a escurecer

O Sol pediu a Lua em casamento
E a Lua disse: Não sei, não sei, não sei
Me dá um tempo
O Sol pediu a Lua em casamento
E a Lua disse: Não sei, não sei, não sei
Me dá um tempo

E 24 horas se passaram, e outra vez
O Sol se pôs, a Lua nasceu
E de novo, e de novo, e de novo

O Sol pediu a Lua em casamento
E a Lua disse: Não sei, não sei, não sei
Me dá um tempo
E o Sol congelou seu coração
Se a Lua não te quer, tudo bem
Você é lindo, cara
E seu brilho vai muito mais além
Um dia, você vai encontrar alguém
Que, com certeza, vai te amar também

Música e letra de Pequeno Cidadão, Taciana Barros, Antonio Pinto, Edgard Scandurra, Arnaldo Antunes



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. O que o Sol sente pela Lua? Como a música descreve esse sentimento?
2. O que significa dizer que a Lua "não pertence a ninguém" e é "inspiração de todos os casais"?
3. Por que o Sol não consegue se casar com a Lua?

TEXTO I



Ficha de Leitura

O criador e protetor dos homens

Depois de milhares de anos de lutas extraordinárias, Zeus e seus irmãos, finalmente, venceram os gigantes e poderosos titãs. Eles foram aprisionados nas profundezas da Terra, e dizia-se que toda vez que um vulcão entrava em erupção, ou um terremoto sacudia o mundo, na verdade, eram os titãs tentando voltar à superfície. Agora, quem mandava na Terra era o deus dos deuses, Zeus, ao lado de seus irmãos e filhos. E onde os mortais entram nessa história? É que um dos filhos de Jápeto, um titã derrotado, chamado Prometeu (que em grego significa “precavido”, “aquele que pensa antes de agir”), decidiu criar os homens à semelhança dos deuses.

Prometeu, assim como um artesão, pegou a argila, molhou com a água do rio e começou a moldá-la com muito cuidado e carinho. Quando o primeiro molde ficou pronto, ele adorou o resultado e decidiu fazer milhares de outras réplicas, sempre mudando aqui e acolá as características físicas da sua criação.

Quando sentiu que o trabalho estava pronto, Prometeu parou, observou e percebeu que todas as suas criaturas estavam inertes, sem vida. Nesse instante, Palas Atena, a deusa da sabedoria, que acompanhava curiosíssima a linha de produção do filho de Jápeto, disse:

— Meu amigo Prometeu, estou impressionada com a beleza do seu trabalho, mas vejo que tais criaturas não se mexem. Você quer uma ajuda?

— Querida deusa, que bom que está aqui! O que você pode fazer para animar essa multidão de seres? — perguntou Prometeu.

A deusa da sabedoria olhou para Prometeu e, em seguida, agachou-se para olhar de perto o primeiro homem que ele havia moldado. Palas Atena foi tomada por um sentimento de amor intenso, levantou a cabeça da criatura e soprou o hálito divino em direção ao rosto dela.

Prometeu ficou comovido ao ver o primeiro homem se levantar da terra. Palas Atena, então, começou a percorrer, rápida como o vento, todos os lugares onde os outros seres estavam. Ela soprava e soprava, sem parar, dia e noite, até todos os homens se erguerem.

O filho de Jápeto sorria; sua criação estava pronta! Acontece que, rapidamente, ele percebeu que os homens eram como bebês, não sabiam fazer nada, absolutamente nada. Eles vagavam como zumbis pela Terra. O trabalho ainda não estava completo.

O criador dos homens decidiu que seria o professor deles e começou a ensiná-los a falar e a ouvir, a contar histórias, a fabricar ferramentas, a cultivar o campo, a conhecer os medicamentos e ensinou-lhes a ver o futuro nas estrelas. Enfim, deu as melhores aulas do Universo para a humanidade.

Quando viram o resultado de todo aquele trabalho de Prometeu, os deuses decidiram convocá-lo para uma reunião emergencial no Olimpo.

— Todos estão admirados com sua criação, Prometeu. Porém, nunca podemos nos esquecer de quem é que manda aqui, não é? — perguntou o deus dos deuses, Zeus.

— Tenho uma ideia — disse Prometeu. — Vamos marcar um encontro entre os deuses e os mortais em Mecona. Lá, estabeleceremos os direitos e as obrigações dos homens perante vocês, deuses poderosos.

— Gostei da proposta, Prometeu. Pode marcar a reunião para amanhã mesmo — disse Zeus, contente com a proposta do filho do titã.

— Sim! Pode deixar que amanhã tudo estará pronto — disse Prometeu, despedindo-se dos deuses.

Na assembleia de Mecona, todas as regras das relações entre os mortais e os deuses foram acordadas, sendo esta a principal: sacrifícios animais feitos pelos homens para honrar os deuses do Olimpo e pedir sua proteção.

Zeus queria testar se as regras haviam sido bem assimiladas pelos homens e pediu o sacrifício de um touro em seu nome. Depois, o animal seria dividido para ser comido. A ordem era sempre deixar para os deuses a melhor parte do animal.

Prometeu não tinha gostado dessa parte da regra. Por que sua criação deveria sempre ficar com a pior parte? Então, decidiu interferir bem no primeiro sacrifício feito a Zeus.

— Deus dos deuses, os homens já sacrificaram um touro em seu nome. Agora fizeram dois montes, um com carne e outro com ossos e gordura. Pode escolher um dos dois.

Zeus já sabia o que Prometeu havia aprontado: ele tinha colocado em cima do monte de carne uma camada fina de gordura e no monte de gordura e ossos uma fina camada de carne.

— Quem você pensa que é, Japetonida? Quer me enganar? Obedeça às regras que criamos! — urrou Zeus. — Por que os homens sempre devem ficar com a pior parte do sacrifício? — perguntou com coragem Prometeu.

— Porque somos os deuses do Olimpo! — bradou Zeus. — E por sua insolência e trapaça, tirarei dos homens sua principal ferramenta de sobrevivência: o fogo!

Prometeu ficou furioso, mas não demonstrou nada para Zeus. Em vez disso, saiu furtivamente e foi até Hélio, o deus-Sol. Lá, ele pegou um caule de uma planta muito resistente e encostou-o na carruagem de fogo pertencente ao deus.

Agora, com o caule acolhendo a chama da vida, Prometeu desceu para presentear sua criação com o fogo. Ele foi recebido com festa e, em sua homenagem, pipocaram fogueiras por todos os cantos do mundo.

BRENNAN, Ilan. As 14 pérolas da mitologia grega. São Paulo: Escarlate, 2014. p. 4-8.



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. O processo de criação dos mortais é comparado com qual atividade humana nesse mito?
2. O ponto de vista que essa narrativa é contada indica participação ou distanciamento do narrador em relação às ações contadas?
3. Como Zeus castiga Prometeu ao descobrir sua trapaça com antecedência?

TEXTO II



Ficha de Leitura

CONSTRUÇÃO

Chico Buarque

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado

E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado

Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
Etropeçou no céu como se ouvisse música

E flutuou no ar como se fosse sábado E se acabou
no chão feito um pacote tímido Agonizou no meio do
passeio náufrago Morreu na contramão atrapalhando
o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer, a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague

Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça desgraça que a gente tem que tossir
Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair
Deus lhe pague

Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir
Deus lhe pague



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Como o autor mostra, ao mesmo tempo, o valor que um trabalhador da construção civil tem como pessoa (seus sentimentos, sua família) e a falta de valor que a sociedade parece dar para sua vida e seu trabalho?
2. O autor utiliza da expressão “Deus lhe pague” de forma repetida na última parte da música para criticar o quê?
3. Por que a morte do trabalhador é descrita como um “incômodo” letra da música?